

## Guaramiranga – o alinhavar de percepções e sentidos sobre a cidade

LILIAN PAULA DE SOUZA ALVES\*

### Resumo

Este estudo visa interpretar as diferentes percepções do morador local com relação à cidade, a partir do advento dos festivais e, diante da interação com os turistas, os impactos e ressignificações nas suas relações sociais.

**Palavras-chave:** memória coletiva; lutas simbólicas; identidade; individualização.

### Abstract

This study aims to interpret the different perceptions of the local inhabitant in relation to the city through the advent of festivals and, from the interactions with tourists, the impacts and the resignifications in their social relations.

**Key words:** collective memory; symbolic struggles; identity; individualization.



\* **LILIAN PAULA DE SOUZA ALVES** é Graduada em Ciências Sociais. Universidade de Fortaleza, UNIFOR, Brasil.



Fotos da autora (julho de 2011) 1

## Introdução

Apesar do distanciamento que buscamos ter como pesquisador aquilo que decidimos pesquisar está diretamente relacionado com nossos valores e emoções, enquanto seres histórico-culturais que somos. O fato de estarmos intrinsecamente conectados com o que vislumbramos conhecer, e que nos salta aos olhos pela emoção, não nos torna, contudo, incapazes de estranharmos e nos distanciarmos transformando-o em objeto de estudo, pois o pensar sociológico nos alerta sobre nossos conceitos prévios e saberes cristalizados e nos propicia um mergulho, uma imersão, naquilo que nos rodeia permitindo-nos trazer para mais junto de nós, referendados nos estudiosos que iluminam nosso ponto de vista, aquilo que nos era indiferente ou sequer percebido por nossos sentidos. Não se trata apenas de uma tentativa de investigação, mas, sobretudo, e antes de tudo, de uma entrega, como pesquisador, para que nossa percepção possa ser tocada pela reflexão sobre o que supostamente e antecipadamente julgamos conhecer.

Ouvia de pessoas idosas suas trajetórias e suas experiências me levou por diversas flagrar olhos lacrimejantes e

olhares perdidos no infinito ao passo em que se criavam imagens na memória, de sorrisos largos e, por vezes, gargalhadas da própria desgraça, como que para dizer que se havia superado.

Crescer e não perceber mais laços sociais com os quais cresci como brincar na rua, as casas sem cercas ou muros, sentar nas calçadas para uma roda de conversa, ensaiar peças de Dramas<sup>1</sup> para apresentar em momentos de comemoração da comunidade, me levou a crer que tais laços tinham sido enfraquecidos e/ou esquecidos ou, ainda, ressignificados pelo contato com

<sup>1</sup> Dramas, segundo as Dramistas, são peças teatralizadas e musicalizadas por agricultores e donas de casas. O ofício foi repassado por seus pais e avós sendo realizado em comemoração às boas colheitas da agricultura. A atividade é composta de encenações cantadas de quadros bizarros da vida cotidiana como os causos, as anedotas, pragas rogadas, entre outros e dos personagens ilustres que toda cidade do interior tem como: o bêbado, o sovino, a fofoqueira, o chifrudo, o briguento, o barriga branca, entre outros. Com o passar do tempo, passaram-se a formar rodas para apresentação das peças para a comunidade. Depois, as apresentações tornaram-se constantes passando-se a desenvolvê-las em vários momentos de celebração da comunidade como, por exemplo: depois de uma novena, durante a comemoração de aniversariantes queridos pela comunidade, depois da missa, entre outros momentos.

o estrangeiro que passou a chegar ali de forma muito intensa a partir da década de 90 do século passado, como mostrarei com mais profundidade mais adiante.

Como recurso principal para a obtenção de informações, utilizo tanto a observação e vivência com a população local, como entrevistas com questões abertas.

Foi entrevistado um grupo de 05 (cinco) pessoas acima de 65 (sessenta e cinco) anos de idade, todas elas mulheres, (não por escolha), e que ou são naturais da cidade ou ali moram, desde crianças, por entender que este público guarda a memória do lugar.

Como forma de garantir a preservação da identidade das informantes, utilizo as iniciais de seus nomes que são: E.C., L.A., R.S., V.A. e Z.E.

### **Contextualizando Guaramiranga e a tecedura de sua imagem como polo cultural**

A lembrança que povoa o imaginário do cearense com relação a esta região é a de produtora de bens primários como banana, chuchu, laranja, entre outros, baseada não somente na produção de subsistência como também na produção para exportação, como foi o caso do café, na primeira metade do século XX. Atualmente ocorre o mesmo com a produção de flores de Guaramiranga.

A cidade está encravada no alto de uma montanha, na região do maciço de Baturité e tem como municípios limítrofes Caridade, Mulungu, Baturité e Pacoti. Distante de Fortaleza, capital do Ceará, em 110 km, tem acesso pela rodovia estadual CE 060 ou pela CE 065.

Seu nome é de origem tupi e significa “Pássaro Vermelho”. A cidade tem 865m de altitude e está inserida na Área

de Proteção Ambiental do Maciço de Baturité - APA. Sua temperatura média está na faixa de 18 a 25°C.

Em 10 de outubro de 1868, por ato provincial, Conceição foi criada como distrito. Entre idas e vindas, a vila tornou-se município, distrito – quando não pertencente à Baturité, à Pacoti. Em 1957, foi elevado novamente à categoria de município constituindo-se em de dois distritos: Guaramiranga e Pernambuco. Em 1963, Guaramiranga passa a ser a sede do município.

Ao final da década de 1980, a política de Estado estava voltada para o empreendimento das potencialidades das cidades, havendo grande incentivo ao desenvolvimento turístico dos municípios de todo o Estado. Por isso, Guaramiranga, passou a receber investimentos nesse sentido passando a ser conhecida como a “Suíça Cearense”, desde a gestão local de Fernando Simões Neto. Um dos traços concretos na construção deste *status* está presente na arquitetura em estilo suíço do Centro de Atendimento ao Turista da cidade.

Há uma valorização do clima serrano, onde frio e cultura que são elementos que podem ser relacionados, quando nos remetemos ao “velho mundo”. A ideia de que somos (os brasileiros) uma sub-cultura resultante dos trópicos, da miscigenação e da condição de colonizados, se atenua em Guaramiranga.

Ali foram implementadas ações de políticas culturais como forma de transformá-la em um lugar “vendável” e houve política de Estado para a criação, atração e circulação do turismo naquela região tendo como estratégia a cultura.

As matérias de jornais compiladas referem-se a entrevistas concedidas por representantes do poder público que de

alguma forma estiveram, naquela época, envolvidos com as políticas de empreendimento turístico e cultural em Guaramiranga. Abaixo transcrevo trechos de entrevistas. O primeiro trata-se de entrevista ao jornal *O Povo*, de 28 de agosto de 2011, no *Caderno Vida e Arte Cultura*, concedida por Paulo Linhares – Secretário da Cultura do Estado do Ceará (1993-1998) nas gestões do governo de Ciro Gomes (1991-1994) e Tasso Jereissati (1995-1998):

Mapeamos algumas regiões do Ceará com atividade cultural mais pulsante, como Iguatu, Sobral, Juazeiro e chegamos a Guaramiranga, que tinha um perfil próximo ao de Gramado<sup>2</sup>.

Observa-se que a comparação entre Guaramiranga e Gramado possibilita e fundamenta a posterior tomada de decisão de investimento, tendo como foco o turismo ancorado na imagem de uma cidade que conjuga clima “europeu” com vida cultural.

Na mesma data e mesmo caderno, Humberto Cunha – responsável pelo Departamento de Cultura de Guaramiranga no período de 1991-1994 – explica as ações empenhadas na construção desta imagem:

Era um plano baseado em dois olhares: um para dentro, que objetiva investigar e otimizar o máximo possível todas as potencialidades culturais de Guaramiranga e de seus habitantes. O outro olhar era para o mundo, buscando saber o que outras

pessoas podiam nos ensinar e também aprender conosco.

Os dois eixos – turismo e cultura – são nítidos pontos estratégicos que, trabalhados de forma conjunta, vão delineando a atribuição de novos significados ao município e, ao mesmo tempo, através de ações locais, vão estruturando a cidade para a efetivação de seu potencial nestas duas atividades.

Em 1990 ocorre o primeiro grande evento cultural na cidade, por iniciativa privada e dos poderes públicos, chamado “Festival Guaramiranga – 100 Anos de Paz e Amor à Natureza”, que, ocorrendo nos fins de semana, teve duração de mais de dois meses – do início de outubro à segunda semana de dezembro.

O evento teve grande impacto na cidade sendo divulgado ostensivamente pela mídia da Capital do Estado do Ceará, o que possibilitou a atração de milhares de visitantes durante toda a programação. Este foi o pontapé inicial para o advento dos festivais na cidade.

Na gestão municipal de Dráulio Holanda (1989-1992) foi criado o Departamento de Cultura, em conformidade com as políticas públicas de Estado. Outras ações foram sendo implantadas, como a criação do primeiro Teatro Municipal – com capacidade para 100 pessoas. Inaugurado em 1992, o Teatro recebeu o nome de Rachel de Queiroz e contou com a presença da escritora na solenidade. Posteriormente, a crescente desenvoltura dos festivais impulsionou a criação de um novo teatro de mesmo nome, desta vez com capacidade para 370 pessoas.

Considerando-se as entrevistas concedidas anteriormente – por Paulo Linhares e Humberto Cunha – e as ações implantadas, é possível perceber,

<sup>2</sup>Gramado é um município brasileiro do estado do Rio Grande do Sul, localizado na Serra Gaúcha. Com pouco mais de 32 mil habitantes e temperatura amena, que durante o verão chega a 22°C e que em invernos rigorosos pode chegar a menos de 0°C, com fortes geadas e ocasionais nevadas, o município está entre os principais destinos turísticos do país.

a partir dali, o processo que se inicia, de constituição de uma nova imagem da cidade. Essa nova imagem vai se configurando e aos poucos se firmando, desde a década de 1990, de forma conflituosa na consciência coletiva dos que ali habitam e na visão daqueles que procuram por um lugar – refúgio tranquilo, como no caso dos turistas.

Podemos refletir sobre o processo de construção da nova imagem de Guaramiranga à luz da teoria de BOURDIEU (2009) enquanto representação social. É a partir de uma ideia e de ações políticas que a imagem será elaborada e efetivada através da “*imposição de percepções e de categorias de percepção*”. Ou seja, a imagem da cidade de polo cultural, construído de um determinado grupo e dentro de um determinado contexto histórico, passa a ser inculcada tanto no grupo interno – os moradores locais – como no grupo externo – os turistas – de forma que esta imagem seja reconhecida, legitimada e, portanto, vendida-comprada.

O advento dos festivais é implantado como forma de atrair o público que se propôs conquistar: os turistas (e diga-se, de passagem, conseguiu). Após a inauguração do Teatro Rachel de Queiroz, em 1993, realiza-se a primeira edição do Festival de Teatro que inicialmente recebia grupos do estado do Ceará e que a partir de algumas edições seguintes, passou a receber grupos artísticos do nordeste e depois de outras partes do país, chegando a receber um público de até o triplo da população local (segundo informação do Caderno 3 do *Diário do Nordeste* – impresso). Em setembro de 2011, o referido Festival chegou à sua XVIII edição.

Em 2000, implanta-se o Festival Jazz e Blues que, como o próprio nome

explicita, visa a atrair um público específico. Este festival vai concorrer com o carnaval, pois acontece no mesmo período. Em sua XII edição e com apresentações de artistas locais e de artistas renomados do cenário estadual, nacional e internacional, o evento chega a receber um público equivalente ao dobro da população, segundo dados do sítio oficial do evento. Após o ano 2000, novos festivais passaram a acontecer, dentre eles, o Festival de Massas, o Festival Cultura e Gastronomia na Serra, Festival de Fondue, Festival de Vinhos e duas edições do Oktoberfest (2009 e 2010) – festa de origem alemã que é realizada em Gramado, RS, durante o mês de outubro, regada a muita cerveja, o que se repete em Guaramiranga.

Nota-se, que Guaramiranga, após o processo de tomada de decisões políticas, de constituição de uma nova identidade do lugar e de ter esta identidade se tornado conhecida e divulgada, entra para a rota turística do interior do estado do Ceará, pois à cidade foi imputada uma nova definição: a de polo cultural. Em menos de duas décadas, a cidade alcançou este *status* passando a ser referência em eventos culturais. E na lógica de mercado, a “cultura” para ser consumida como mercadoria.

Para BOURDIEU (2009), conceito de representação é “*fundamentado em um discurso performativo, que tem em vista impor como legítima e dar conhecer e fazer reconhecer (...)*”. A partir da nova denominação a cidade perde sua condição de desconhecida para os de fora, passando a ser reconhecida, não apenas enquanto cidade, mas, também como polo cultural e, portanto, detentora de um produto negociável no mundo mercadológico. Contudo, essas políticas são implantadas de forma a



não considerar a presença dos moradores locais e suas relações de sentido com o lugar. Os efeitos disso se dão diretamente na vida dessas pessoas que, diante do fato de serem deixadas de fora desses processos, sentem-se de braços atados.

### **Uma conversa na cozinha... O estalo para o começo da pesquisa**

Foi numa daquelas conversas que uma das interlocutoras expressou seu estranhamento com relação à cidade onde nasceu. Num fim de tarde, depois de um café quentinho, pus-me a cantarolar peças de Dramas com uma de minhas entrevistadas. Depois de cantarmos umas quatro músicas, perguntei: - a senhora lembra que a senhora também ensinava para gente, aquela música? E cantarolei o início: *“Se essa rua, se essa rua fosse minha”*. Ela, mais que imediatamente, continuou: - *“Eu mandava, eu mandava ladrilhar...”*. E parou por um instante a me olhar nos olhos, pensou um pouco e disse: - *“hoje, a gente tem que cantar diferente!”* E, então, cantou: - *“se essa rua, se essa rua ainda fosse minha/ eu mandava, eu mandava ladrilhar/ com pedrinhas com pedrinhas de brilhante/ para o meu, para o meu amor passar.”* Essa colocação me deixou inquietante e me perguntei: como uma pessoa idosa, nascida e criada nesta cidade pode não mais se sentir pertencente à ela?

Então, continuei: por que a senhora diz *“se essa rua ainda fosse minha”*?

E ela responde: *porque hoje tá tudo muito mudado, minha filha. Desde que começou a vim muita gente pra cá, nem parece a Guaramiranga do meu tempo! Do tempo do seu avô! Do tempo da sua mãe! E até mesmo do seu tempo!* – referindo-se a mim.

Guaramiranga – conhecida, por seu ambiente pacato, onde a grande maioria

das pessoas se conhece pelo nome – passa a conviver, principalmente nos fins de semana, com uma grande quantidade de pessoas que chegam para desfrutar dos eventos. É de se compreender, então, que as pessoas do lugar passem a se recolher mais, muito embora, aos poucos, vão se habituando à presença dos estrangeiros, conforme o trecho de entrevista que segue com moradora do Conjunto Habitacional Manoel de Castro Filho:

minha filha, começou a chegar tanta gente de fora que eu nunca vi aquilo. E o povo não vinha preocupado onde ia ficar não. Muitos deles ficavam pela rua e depois vinha pedir pra tomar banho nos nossos banheiros. No começo, eu não deixava não, mas depois fui me acostumando e acabei deixando. Mas era um povo tão estranho, tão esquisito. E.C

Observando os eventos que ali ocorrem e as características físicas e comportamentais do público que os frequenta, é possível compreender a instância em que essa fala se reproduz e explicita os adjetivos *“estranho”* e *“esquisito”*. No Festival de Teatro, por exemplo, há um público geralmente composto por pessoas que seguem um modelo de vida dito *“alternativo”*: se vestem de um modo diferente dos moradores da cidade, usam tatuagens e é comum fazerem uso excessivo de substâncias psicoativas – como álcool e maconha – em vias públicas. Já no Festival Jazz e Blues, o público é composto de pessoas com poder aquisitivo bastante elevado e a própria programação do evento já institui uma seleção, a partir dos preços dos ingressos.

Assim, com a chegada do estrangeiro abre-se espaço para a apropriação e resignificação dos hábitos e valores locais. Conforme elucida SILVA

(2009), a identidade não é algo imutável. Está se construindo no cotidiano e em contínuo processo de transformação-transfiguração. É com base nos registros da *memória coletiva* que é possível afirmar as transformações que ocorreram nas práticas cotidianas dos guaramiranguenses. É na cidade-memória, cidade-lembrada e cidade-sentida, que a pessoa do lugar irá pautar e apontar essas transformações.

Nos relatos que seguem, podemos observar que a principal lembrança que habita a lembrança dos moradores locais é a da cidade vivendo em tranquilidade e que isto, foi ao longo dos anos, diminuindo e fazendo com que novos hábitos fossem delineando o novo jeito de o guaramiranguense viver e de se comportar diante da transformação. Leiamos:

(...) quando eu penso que podia deixar a porta encostada enquanto os filhos que tavam pra rua voltassem, é que vejo o quanto nossa vida mudou (...). Passamos a vida ensinando para os nossos filhos que a nossa cidade era tranquila e que tava tudo entre amigos (...) e vejo a cidade tomada por um bando de pessoas estranhas! Ave Maria!... chega dói...E.C.

Fico me lembrando que, todos os meus filhos, todos os cinco, foram pra escola, sozinhos. E agora as minhas netas não podem ir só. Dá medo. (...). L.A.

A gente se sentia segura em qualquer lugar aqui. Antes, a gente dormia era de porta encostada (...). Z.E.

Portanto, comparando a cidade do dia a dia relatada e a cidade que existe na memória dos entrevistados, é possível perceber a transformação de seu

*cotidiano*. Ao relatarem tais mudanças eles recorrem aos resquícios de uma cidade memorizada vivida e vivenciada por eles, podendo-se, assim, vislumbrar o que HALBWACHS afirma:

se nossa impressão pode apoiar-se não somente sobre nossa lembrança, mas também sobre a de outros, nossa confiança na exatidão de nossa evocação será maior, como se uma mesma experiência fosse começada, não somente pela mesma pessoa, mas por várias. (HALBWACHS, 1990)

Logo, esta cidade memória não existe só para um informante, mas para muitos deles – considerando-se as singularidades dadas às suas respectivas atribuições de sentidos. A cidade-memória tranquila é compartilhada por todos os informantes desta pesquisa, assim, a tranquilidade é uma imagem inscrita na *memória coletiva*. A perda desta tranquilidade está relacionada, no discurso do morador local, à chegada dos estrangeiros.

Pensando na relação do morador local com a sua comunidade, podem ser destacadas, ainda, outras mudanças de hábitos que estão mais intimamente ligados à conduta do dia a dia.

(...) hoje, já não se faz favor como antigamente. De primeiro, a gente trocava muito favor. Era uma coisa ensinada pelos nossos pais. Z.E

(...) A gente já não senta mais nas calçadas pra conversar. De primeiro, a gente colocava as cadeiras nas calçadas e ficava a conversar com os meninos. Ou por outra, eles ficavam brincando e a gente olhando e aproveitando pra ficar com os vizinhos... era esconde-esconde, era bandeira, era remam-remam... tinha muita brincadeira. E.C

(...) quem era que via casa com muro aqui? No máximo, tinha uma

cerquinha de papoula. Agora é as casa tudo escondida. A gente vive presa. L.A

Nota-se nesses trechos, que as transformações ocorridas efetivam-se também nas relações pessoais e nos elos sociais que possibilitavam uma relação mais íntima entre os moradores e nesta perspectiva, a distância nas relações pessoais abre espaço para que os valores sejam ressignificados e outros sejam assimilados – como, por exemplo, o costume de construir muros que separam as casas, o que resulta em maior individualidade e, portanto, menos envolvimento social. Conforme nos explica ELIAS:

(...) perpetua-se o símbolo metafísico da individualização crescente, a ideia que o indivíduo tem de que seu eu interior está isolado do mundo lá fora como que por um mundo invisível. (ELIAS, 1994)

Na relação dos moradores locais com os moradores “de fora” pode-se observar um embate de forma não explícita que resulta na efetivação das *lutas simbólicas*, seja através da resistência por parte dos moradores locais, seja pelas formas de pressão exercida pelo grupo externo.

(...) Depois que o Conjunto se encheu de gente de fora, as coisas mudaram muito porque a gente num vai com um copo não mão na porta dum rico pra pedir uma colher de sal ou de corral emprestado, né? Antigamente pedir emprestado, era comum. Hoje é até feio. Z.E

Assim, mesmo os hábitos que são considerados importantes e que eram elos que regiam e mantinham a dinâmica das relações dos moradores locais foram sendo esquecidos ou

inibidos, passando a existir mais na memória e menos na prática. Há que se considerar, porém, que estas mudanças culturais bem como as transformações estruturais não ocorrem somente em Guaramiranga e nem se dão somente pela chegada de estranhos. Estes fenômenos se repetem em lugares onde há interferência política principalmente naqueles lugares voltados para atividades turísticas e que são submetidos aos processos de urbanização, de restauração e de requalificação, ações que trazem consigo um *status* de *enobrecimento* dos lugares LEITE (2007) o que não corresponde ao beneficiamento direto das pessoas do lugar. Podemos observar, ainda, tais interferência políticas seguem uma repetição de padrão e faz parte dela o massacre, o soterramento e sepultamento dos sentidos das pessoas com relação aos seus espaços de identificação.

#### Referências

- ALVES, L.P.S. “Se essa rua, se essa rua”... **Ainda fosse minha: O cotidiano em Guaramiranga**. 2011. Monografia – Centro de Humanidades, Universidade de Fortaleza, Fortaleza, 2011.
- BOURDIEU, Pierre. **O Poder Simbólico**. Bertrand Brasil, 2009.
- ELIAS, Norbert. **A Sociedade dos Indivíduos**. Jorge Zahar Ed, Rio de Janeiro, 1994.
- HALBWACHS, M. *A memória coletiva*. São Paulo: Vertice, 1990.
- LEITE, Rogério Proença. **Contra-Usos da cidade: lugares e espaço público na experiência urbana contemporânea**. 2ª Ed. Campinas: Unicamp, 2007.
- SILVA, Tomaz Tadeu da (Org.) – **Identidade e Diferença: uma perspectiva dos estudos culturais**. Editora Vozes, Petrópolis, 2005.